

'ALGO ME DIZ QUE ESSE ASSUNTO É ALGO INTERESSANTE':

PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DE *ALGO* NO PORTUGUÊS

BRASILEIRO

*SYNTACTIC AND SEMANTIC PROPERTIES OF ALGO IN BRAZILIAN
PORTUGUESE*

Maria José Foltran¹

Renato Miguel Basso²

RESUMO: O objetivo deste artigo é diferenciar dois usos de *algo*, levando em conta suas propriedades distribucionais. Identificamos o *algo-nominal* (*algo-n*) e o *algo-intensificador* (*algo-i*). O primeiro se caracteriza como pronome indefinido ou neutro, ligado a entidades inanimadas e, quando acompanhado de modificador adjetival, o adjetivo usado não varia (cf. *Encontrei algo misterioso na entrada da casa*). O segundo age como um intensificador sobre um adjetivo, projetando um grau vago na escala do adjetivo que, por sua vez, realiza a concordância com o nominal que está modificando (cf. *Ele deu uma resposta algo ríspida*).

Palavras-chave: pronome indefinido; intensificador; *algo*.

ABSTRACT: The aim of this paper is to differentiate two uses of 'algo' in Brazilian Portuguese, considering its distributional properties. We identify the *nominal-algo* (*algo-n*) and the *intensifier-algo* (*algo-i*). The first one is characterized as an indefinite or neutral pronoun, linked to inanimate entities and, when accompanied by an adjectival modifier, the adjective used does not vary (cf. *Encontrei algo misterioso na entrada da casa*). The second one acts as an intensifier over adjectives, projecting a vague degree onto the adjective's scale, which in turn agrees with the noun it modifies (cf. *Ele deu uma resposta algo ríspida*).

Keywords: indefinite pronoun; intensifier; *algo*.

¹ UFPR, pesquisadora do CNPq, processo 307908/2019-4.

² UFSCar.

INTRODUÇÃO

As línguas nos encantam e nos intrigam. Desde que nascemos, entramos em contato com nossa língua, começamos a falar e, de repente, somos proficientes sem ter a percepção da complexidade dessa experiência. Aprendemos um amplo vocabulário e as regras para combinar palavras de forma surpreendentemente rápida e eficiente. Já na infância fazemos os arranjos que estão subjacentes à estrutura linear das palavras numa frase, empregamos palavras que são eminentemente gramaticais, combinamos sujeitos com predicados, flexionamos as expressões que são possíveis flexionar, interpretamos, fazemos inferências. Tudo como num passe de mágica. Da mesma forma como aprendemos a andar, a comer, a cantar! Passamos a vida utilizando e aprimorando esse conhecimento. De repente, nos colocamos a pensar em alguns itens que utilizamos, em algumas construções que fazemos e nos surpreendemos com alguns usos. Ora, sabemos usar perfeitamente as estruturas da nossa língua, mas se tivéssemos que explicá-las a alguém, como faríamos? Essa foi a nossa sensação quando começamos a discutir a respeito de alguns usos da palavrinha *algo*. O que teríamos a dizer sobre ela? É exatamente isso que queremos compartilhar aqui com os leitores desta revista.

Pela nossa experiência com a gramática tradicional, sabemos que *algo* se insere na classe de pronomes indefinidos, ou seja, palavras que “se aplicam à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago, ou exprimem quantidade indeterminada” (ROCHA LIMA, 1986, p. 102). Celso Cunha e Lindley Cintra (1985) observam que “os indefinidos *alguém, ninguém, outrem, algo e nada* só se usam como pronomes substantivos” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 348). Nas palavras de Carlos Henrique Rocha Lima (*ibidem*, p. 102), alguns desses pronomes se empregam isoladamente (*algo, alguém, ninguém* etc.) enquanto outros vêm ao lado de um substantivo, com o qual

concordam em gênero e número (*todo, algum, vários*). Cunha e Cintra (1985) ponderam ainda que *algo* e *nada* se opõem a *alguém* e *ninguém*. Estes se identificam pela presença da ideia de pessoa/humano, enquanto aqueles se identificam por sua ausência. Em outras palavras, *algo* e *nada* se referem a coisas, a não-humanos. Essas duas obras, representativas da nossa tradição gramatical, não vão além dessas explicações ao tratar de pronomes indefinidos. No entanto, já sabemos que essas palavrinhas têm um papel bem mais complexo no âmbito da semântica e da sintaxe das línguas naturais.

Em geral, os exemplos apresentados pelos autores se reduzem a sentenças como as em (1).

- (1) a. Eles tinham *algo* a dizer.
b. *Algo* o assustou naquela noite.

Observa-se que, nesses usos, *algo* pode ser substituído pela expressão *alguma coisa*. No entanto, queremos chamar a atenção para um uso que não aparece nas abordagens que consultamos: quando a palavra *algo* intensifica um adjetivo (2).

- (2) a. Aconteceu uma situação *algo* curiosa.
b. Entrou na festa com uma roupa *algo* chamativa.

O objetivo deste artigo é destrinçar algumas peculiaridades desses usos de *algo*, primeiramente apontando diferenças entre o *algo* que aparece em (1), que chamaremos de *algo-nominal* (*algo-n*), e o *algo* que aparece em (2), que chamaremos de *algo-intensificador* (*algo-i*). Em especial, buscaremos demarcar as propriedades semânticas e sintáticas do *algo-i* que aparece em (2), e avaliar a interpretação que os falantes lhe atribuem.

Para atingir essas metas, organizamos este artigo da seguinte maneira: na seção 1, nos aprofundamos na diferença entre as duas interpretações de *algo* que

apresentamos logo acima, diferenciando o *algo-nominal*, na seção 1.1, e o *algo-intensificador*, na seção 1.2. Na seção 2, comparamos o *algo-intensificador* com outros intensificadores que têm funções semelhantes no português brasileiro, para investigar suas especificidades. Finalmente, a Conclusão retoma o caminho percorrido, os resultados alcançados e discorre sobre alguns dos problemas em aberto.

1. ALGO-NOMINAL VS. ALGO-INTENSIFICADOR

O contraste entre nossos exemplos (1) e (2) mostra que há, pelo menos, duas funções para o item *algo* no PB atual. Nesta seção, vamos detalhar as propriedades desses dois tipos de *algo*. Inicialmente, apresentamos o *algo-n*, recorrendo a nossas intuições e a descrições que encontramos em gramáticas descritivas. Num segundo momento, apresentaremos algumas propriedades do *algo-i*.

1.1. ALGO-NOMINAL

Como já mencionamos, os casos em (1) ilustram o que podemos chamar de *algo-nominal*, e sua função. Simplificando um pouco as coisas, sua função parece realmente ser a de um pronome indefinido e ele pode ser parafraseado por “alguma coisa³”, “um trem”, “um negócio”, “um bagulho”, “uma coisa” etc. Outros exemplos desse caso são as sentenças de (3) a (5), com as respectivas paráfrases ilustrando a relação entre *algo-n* e as estruturas que acabamos de mencionar:

- (3) Isso é algo difícil de entender.
(3a) Isso é um negócio difícil de entender.

³ Raposo (2013; p. 895) observa que o item que melhor lexicaliza o traço [-humano] em português, caracterizador de pronomes demonstrativos e indefinidos, é o nome *coisa*. Pelo fato de *coisa* ter um sentido extremamente vago, pode recobrir indiscriminadamente entidades concretas ou abstratas de natureza muito variada. Portanto, *algo/nada* equivale essencialmente a *alguma/nenhuma coisa*.

- (4) É melhor comprar algo simples ou algo sofisticado?
- (4a) É melhor comprar alguma coisa simples ou alguma coisa sofisticada?
- (5) Aconteceu algo esquisito ontem na rua.
- (5a) Aconteceu um negócio esquisito ontem na rua.

Em todos esses casos, a concordância do predicado, em geral um adjetivo, que acompanha o *algo-n* é o masculino, ou, mais precisamente, o neutro⁴, e por isso as sentenças abaixo são estranhas:

- (4') * É melhor comprar algo simples ou algo sofisticada?
- (5') * Aconteceu algo esquisita ontem na rua.

Por esse motivo, podemos argumentar que o *algo-n* é um tipo de pronome neutro, ligado, em geral, a entidades inanimadas, em contraste com *algum*, *alguma* e *alguém* — os dois primeiros podem se referir a seres animados ou não, e o último é reservado a humanos (ou objetos e animais antropomorfizados).

- (6) Algum animal passou por aqui.
- (7) Alguma criatura desse tamanho já existiu.
- (8) Alguém fez uma burrada.

Note ainda que o *algo-n*, assim como *alguém*, não pode ser combinado com um nome que o restringe, como acontece com *algum* e *alguma*:

- (9) * Alguém brasileiro foi deportado.
- (10) * Algo copo quebrou na cozinha⁵.

⁴ Chamamos de “neutro” porque partimos da suposição que *algo*, assim como *isso*, não projeta traços-phi relacionados à concordância, e por essa razão não pode estar associado a masculino ou feminino gramatical. Do mesmo modo, partimos da suposição que a terminação nominal “-o” está associada, em alguns casos, ao neutro e ao masculino, em outros casos. Mesmo havendo saídas mais econômicas para essa questão, ela não interfere em nossa análise. Sobre a questão de *isso* ser neutro, ver Basso (2009; 2021).

⁵ É interessante notar que há aqui um paralelo também com demonstrativos — *esse* e *essa* aceitam nomes, mas não *isso*: *esse menino*, *essa menina*, **isso menino/menina* (cf. Basso, 2009; 2021).

Maria Helena Neves (2000), considerando casos de *algo-n*, argumenta que os pronomes indefinidos podem ser nucleares ou periféricos dentro do sintagma nominal. Os nucleares constituem o próprio sintagma, como é o caso de *algo, alguém, ninguém, nada*. Por sua vez, os periféricos são elementos que incidem sobre substantivos, conforme o uso de *algum, nenhum, vários*. A diferença entre nucleares e periféricos para Neves (2000, p. 535) vai além da especificação sintática: os elementos periféricos veiculam indefinição para o nome que acompanham. Já os nucleares são sempre determinados (mas não definidos). A autora atesta que *algo* é usado em referência a um objeto, ação, atividade, situação, comentário, ideia etc. (acompanhado ou não de adjetivo).

- (11) a. Presenciou então *ALGO* que os corumbás não entenderam.
b. Presenciou *ALGO* de que nunca mais se esqueceria. (exemplos de NEVES, 2000:573).

Ainda segundo a autora, quando modificado, a indefinição é atenuada.

- (12) *ALGO estranho* continuava se passando com ele. (NEVES 2000:574, destaque no original)

No Guia de Uso do Português (NEVES, 2003), encontramos o verbete *algo* definido da seguinte maneira:

Algo (de) + adjetivo

O adjetivo construído com *algo* não varia, haja ou não preposição *de* antes dele. *Será que há ALGO errado comigo? Parece haver ALGO de autobiográfico nessas linhas.*

Ao explorar um pouco mais a ideia exposta por Neves de que o *algo* nuclear é sempre determinado, notamos que essa determinação pode vir expressa por

sentenças relativas ou adjetivos. Em especial, quando está em ambiente predicativo, essa determinação parece ser obrigatória.

- (13) a. Essa atitude é algo que ainda precisamos entender.
b. *Essa atitude é algo.

Em sentenças como (13b), o *algo* não se sustenta como sintagma. Mas é interessante notar que substitutos de *algo-n* também não, como atesta o exemplo abaixo:

- (14) Essa atitude é *uma coisa / *um negócio / *um bagulho.

Qualquer continuação torna a sentença aceitável, à semelhança do que vemos em (13a). Podemos continuar as opções de (14) com “muito legal”, “que eu abomino” etc.

Nada impede que um sintagma nominal ocorra como predicativo numa sentença copulativa, e ser indefinido também não necessariamente explica a impossibilidade de (13b) e (14). Nossa hipótese, para lidar com esses casos, é que o conteúdo semântico de *algo-n* e seus substitutos não é suficiente para estabelecer uma predicação e por isso é necessário haver continuações como as indicadas⁶.

Resumindo, o *algo-n* é um indefinido neutro usado para se referir a entidades inanimadas, tendo um papel nuclear no sintagma nominal. Quando acompanhado de uma modificação adjetival, o adjetivo usado não varia, *i.e.*, fica sempre na forma do neutro/masculino singular. Na sequência, apresentamos propriedades do *algo-intensificador*, item que não aparece descrito em nenhum dos trabalhos que consultamos.

⁶ A relação entre indefinidos e predicação é muito interessante e certamente bem mais complexa do que deixamos ver aqui, além de fugir ao escopo do presente artigo. Esbarramos aqui em questões epistêmicas, sobre o conhecimento do falante sobre o que descreve, e também sobre questões que opõem (in)definitude a especificidade, entre outros temas.

1.2. ALGO-INTENSIFICADOR

O *algo-i* exibe propriedades diferentes daquelas encontrados em *algo-n*, como ilustram os exemplos a seguir:

- (15) Entender isso é algo difícil.
(16) João escreveu uma resenha algo complicada.⁷

Em primeiro lugar, note que em (16), o *algo* não pode ser substituído por “alguma coisa”, “um negócio” ou similares, e sua função é modificar o adjetivo que o segue. Assim, ‘algo complicada’ é uma modificação sobre ‘complicada’. A concordância do adjetivo modificado pelo *algo-i* é disparada pelo núcleo nominal ao qual ele pertence — *resenha* em (16) — e não é sempre neutro como vimos para o caso do *algo-n*. Em (15), temos um caso de ambiguidade: o *algo* pode ser interpretado como *algo-n* ou *algo-i*:

- algo-n*: Entender isso é um negócio complicado.
algo-i: Entender isso é um tanto complicado.

Os exemplos a seguir ajudam a ver a diferença de interpretação entre os dois *algo* por meio de paráfrases:

- (17) João comprou algo caro.
(17a) João comprou uma coisa cara.
(17b) João comprou um tanto/pouco caro.

(18) João fez uma decoração algo rebuscada.
(18a) * João fez uma decoração uma coisa rebuscada.
(18b) João fez uma decoração um tanto/pouco rebuscada.

⁷ Constatamos o uso de *algo-i* também na escrita formal: “As perspectivas **algo** otimistas falam em 700 mil mortes de Covid 19 no país até o fim do ano, quem sabe antes.” (AZEVEDO, 2021).

Além do padrão de concordância, outra característica interessante do *algo-i* é sua posição sintática — o *algo-i* deve sempre preceder o adjetivo que modifica, como no contraste entre (19) e (20):

(19) João mora numa casa algo afastada.

(20) *João mora numa casa afastada algo.

O *algo-i* pode aparecer em sintagmas definidos, como em (21) e (22), e indefinidos, como em (23), e não tem uma forma plural como atesta 24, mantendo a mesma interpretação:

(21) Esse é o livro algo difícil que eu te falei.

(22) Esse é aquele livro algo difícil que eu te falei.

(23) O João precisa ler um livro algo difícil.

(24) Esses são os livros algo difíceis que eu te falei.

Como adiantamos, a interpretação de *algo-i* é semelhante a um intensificador, que atua sobre o adjetivo, mais precisamente sobre o grau de adjetivos graduais, e veicula que o nominal modificado tem um grau que está *um pouco acima* (mas talvez não o esperado) de um certo padrão contextual. Vamos elucidar essas ideias na próxima seção.

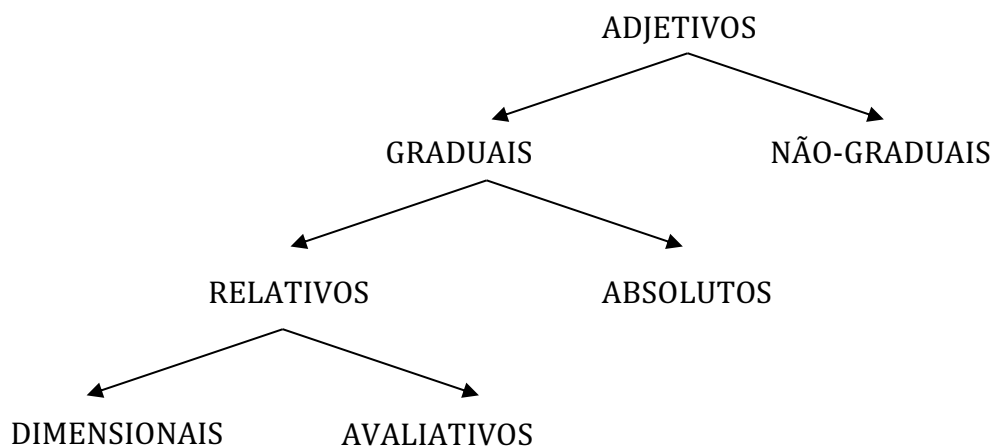
2. OS ADJETIVOS

Em princípio, nossa proposta é que *algo-i* seja um tipo de intensificador, ou operador sobre os graus de adjetivos. Portanto, para entendermos o funcionamento de *algo-i* é importante apresentarmos uma descrição da semântica e uma tipologia para os adjetivos. Esse é tópico da seção 2.1. Na sequência, na seção 2.2., falaremos um pouco sobre a semântica de intensificadores, entendidos como operadores sobre

graus de adjetivos, e apresentaremos uma proposta de análise para o *algo-i* na seção 2.3.

2.1 SOBRE OS ADJETIVOS

Obviamente, nem todos os adjetivos são iguais ou apresentam o mesmo comportamento linguístico. Há várias propostas diferentes de classificação de adjetivos e, para os objetivos do presente artigo, interessa distinguir minimamente entre adjetivos não-graduais e graduais (ou escalares), e algumas subdivisões desses últimos, como pode ser visto no esquema abaixo (adaptado das propostas de Christopher Kennedy e Louise McNally, 2005):



Adjetivos não-graduais não envolvem nenhuma escala nem gradações, como mostram os exemplos abaixo e a incompatibilidade com *muito*⁸:

- (25) Pedro é uma pessoa (*muito) *casada*.
 (26) Ana está (*muito) *grávida*.
 (27) O Estado (*muito) *brasileiro* negou as mudanças.

⁸ Quando *muito* é aceitável ou forçamos uma interpretação gradual ou uma interpretação temporal, como é o caso com (27).

Adjetivos graduais ou escalares, por sua vez, envolvem medições e comparações numa dada escala, aplicando-se a um dado indivíduo de modo não necessariamente absoluto, como nos exemplos abaixo:

- (28) João é (muito) *baixo*.
- (29) O brinquedo que vamos comprar é (muito) *caro*.
- (30) Eu vi um filme (muito) *bom*.

Entre os adjetivos graduais, podemos encontrar os relativos e os absolutos, e a diferença entre eles é que os primeiros apresentam dependência contextual:

- (31) O cachorro é um animal *pequeno*.

Aplicado a *cachorro*, o adjetivo *pequeno* só faz sentido se tomarmos animais como elefantes, rinocerontes ou baleias como comparação, e não formigas, lambaris ou beija-flores. É por isso que dizemos que adjetivos relativos são sensíveis ao contexto.

Adjetivos graduais absolutos não apresentam dependência contextual, como no exemplo abaixo:

- (32) O deserto não é uma região *habitável*.

Finalmente, entre adjetivos graduais é ainda possível identificar os dimensionais e os avaliativos (ou valorativos). Os adjetivos dimensionais associam indivíduos a valores numa escala que envolve propriedades espaço-temporais, como, por exemplo, tamanho, idade, custo, volume etc.; e adjetivos avaliativos associam indivíduos a valores em escalas ligadas a propriedades subjetivas como inteligência, interesse, gostos etc.

Os adjetivos que são modificados por intensificadores são tidos como graduais, ou seja, a propriedade denotada pode ser avaliada numa escala que pode ir do nível mínimo ao nível máximo. Essas escalas são diferentes, dependendo do contexto. Por exemplo, a expressão “muito alta em “uma pessoa *muito alta*”, denota que essa pessoa tem um grau de altura que conta, num dado contexto, como (muito) mais alto do que um dado padrão de altura. Em termos técnicos, segundo Kennedy e McNally (2005), o que vimos brevemente acima pode ser pensado como adjetivos que mapeiam indivíduos e graus numa escala. Essas escalas são diferentes, dependendo do contexto. Por exemplo, uma pessoa *muito alta*, denota que essa pessoa tem uma altura diferente dependendo de um padrão que se espera para aquele indivíduo; o padrão será diferente se estivermos nos referindo a uma criança, a um jôquei ou a um jogador de basquete.

Um adjetivo como *grávida*, por exemplo, não é gradual. Ou a mulher está grávida ou não está, ela não pode estar mais ou menos grávida. Assim, não podemos ter uma pessoa *muito grávida*⁹.

Pelos exemplos anteriores, comprovamos que o *algo-i* seleciona um adjetivo passível de gradação (33).

- (33) a. Um livro algo difícil.
b. Uma resenha algo complicada.
c. Uma mulher *algo grávida.

⁹Há uma classe de adjetivos que não são graduais: os adjetivos relacionais (BOSQUE; PICALLO, 1996):

- | | |
|---------------------|----------------------------|
| a. ataque cardíaco | a'. *ataque muito cardíaco |
| b. biologia marinha | b. *biologia muito marinha |
| c. pesca marítima | c. *pesca muito marítima |

Esses adjetivos são, em geral, denominais e não podem ser manipulados em uma escala. Estariam, portanto, fora do espectro dos adjetivos que nos interessam aqui. Uma abordagem aprofundada dos adjetivos relacionais pode ser conferida em Bortolotto (2016).

Nesses exemplos, o *algo* se combina com adjetivos graduais, e isso nos permite a interpretação de intensificação. Sendo assim, vejamos na sequência um pouco mais sobre intensificadores.

2.2 OS INTENSIFICADORES

Os intensificadores são um tipo de modificador, e a noção de modificação não é nada trivial. Os modificadores podem se combinar com diversas classes de palavras, como adjetivos, verbos, advérbios etc. Não é uma propriedade exclusiva de uma delas.

Os modificadores englobam uma série de estratégias empregadas pelas línguas naturais a fim de aferir propriedades, graus, avaliações, finalidades, qualidades e modos em relação a determinadas classes de palavras (FOLTRAN; NÓBREGA, 2020). O que nos interessa aqui são especificamente os intensificadores que também são chamados de “intensificadores de grau”, justamente porque têm como resultado modificar o grau que certo indivíduo com determinada propriedade apresenta. Para Luisandro Souza (2019), “gradação” e “intensificação” são noções empregadas para se referir a operações gramaticais de modificação que a tradição gramatical e a linguística contemporânea englobam na comparação canônica, nos advérbios de intensidade e no superlativo. Temos itens lexicais que têm o papel de intensificar adjetivos, ou seja, de projetar uma escala de intensificação estabelecendo valores máximos e mínimos para determinadas propriedades. Em geral, esse papel é atribuído a alguns advérbios associados a adjetivos, tais como *muito interessante*, *pouco esclarecedor*, *mais caro* etc., mas essas estruturas estão longe de esgotar as estratégias de intensificação do PB, que pode se manifestar por meio de estruturas sintáticas estereotipadas (e.g., *morto de fome*), expressões exclamativas, recursos lexicais (e.g., *perfeito idiota*), morfemas de grau (e.g., *agradabilíssimo*), expressões tabu (e.g., *pra caralho*) dentre outras estratégias lexicais e sintáticas (FOLTRAN; NÓBREGA, 2016).

Para Márcio Guimarães (2007), a intensificação é uma forma de quantificação, que seria um conceito mais geral e abrangente, e o autor considera que o intensificador prototípico do português é o *muito*.

Alguns autores buscaram sistematizar a leitura de intensidade dos modificadores propondo uma tipologia. A ideia é que esses modificadores, além de veicular uma leitura de intensidade, podem veicular, de acordo com o contexto e com o item modificado, leituras de duração, frequência, qualidade e avaliação (GUIMARÃES, 2007; QUADROS GOMES; SANCHEZ MENDES, 2015; FOLTRAN; NÓBREGA, 2016). Ou seja, teríamos, por exemplo, modificadores intensificadores de grau, cujo papel é justamente modificar o grau que um indivíduo tem de uma certa propriedade, por exemplo aumentando esse grau, como é o que *muito* prototipicamente faz.

O esquema abaixo ilustra, muito simplificada, como podemos pensar em adjetivos graus, sua escala, e intensificadores. Para tanto, vamos considerar as sentenças abaixo:

- (34) João é algo.
(35) João é muito alto.

Escala de altura

-----d-----

“João é alto” veicula que João tem pelo menos o grau d na escala de altura, associado ao adjetivo *alto* no contexto relevante.

Escala de altura

-----d----

“João é muito alto” veicula que João tem pelo menos o grau d na escala de altura, associado ao adjetivo *alto* no contexto relevante, modificado por *muito*, ou seja, agora o que conta é o grau d de ser “muito alto”.

Além disso, assim como no caso dos adjetivos, nem todas as escalas são iguais nem têm o mesmo comportamento. Kennedy e McNally (2005) propõem uma tipologia de escalas para abordar a semântica de gradação. Essas escalas são

diferentes, dependendo do contexto. Elas podem ser “abertas”, no sentido de que não há grau que as restrinja (cf. *alto* e *caro*) — o contexto é que determina —, ou “fechadas”¹⁰ (cf. *vazio* e *cheio*), quando há um limite. Neste último caso podem ser modificadas por *completamente* (cf. **completamente alto, completamente vazio*).

Agora que já apresentamos algumas noções importantes relacionadas a adjetivos graduais, suas escalas e modificações, vamos apreciar o comportamento do *algo-i* tendo em vista a semântica dos intensificadores e dos adjetivos intensificados no contexto de gradação.

2.3 ALGO-I E A SEMÂNTICA DE GRADAÇÃO

Como falamos anteriormente, o *algo-i* é um intensificador de grau que, como costuma acontecer, seleciona adjetivos graduais. Entretanto, excluindo os adjetivos relacionais (mencionados na nota 9), pode-se dizer que a maior parte dos adjetivos são graduais. Portanto, essa característica não diz muito a respeito do item analisado — temos um modificador intensificador de grau, que, por suas características, apenas se combina com adjetivos graduais.

A pergunta que se levanta é “para que grau da escala o *algo-i* aponta e que tipo de escala é projetada?”, ou seja, qual é exatamente a modificação que o intensificador *algo-i* realiza? No exemplo (18), repetido aqui por conveniência, apontamos a paráfrase do nosso intensificador.

- (36) a. João fez uma decoração algo rebuscada.
b. João fez uma decoração um tanto rebuscada.

¹⁰ Não esgotamos aqui todos os tipos de escala propostos por Kennedy e McNally (2005). Mais informações sobre isso são encontradas no texto citado.

Embora consideremos a paráfrase do *algo-i* por *um tanto* apropriada, a questão colocada acima permanece, afinal, o que *um tanto* significa? Pouco, muito pouco, meio, expressiva? Parece que temos aqui um intensificador extremamente vago, como se o falante não quisesse se comprometer com grau nenhum, apenas indicar que o indivíduo em questão tem um grau d vagamente superior ao mínimo necessário para ter a propriedade indicada.

Ao mesmo tempo, quando questionamos o tipo da escala que é projetado, levando em consideração a tipologia de Kennedy e McNally (2005), não conseguimos determinar se o *algo-i* seleciona um tipo ou outro de adjetivos. Pedimos o julgamento de alguns falantes¹¹ que costumam usar esse intensificador, para confrontar nossas intuições a respeito da seleção de adjetivos. Propusemos algumas construções com adjetivos de escalas variadas, para avaliar a aceitabilidade. O resultado que obtivemos pode ser conferido em (37).

- (37)
- a. *O garçom me serviu um copo algo cheio.
 - b. *Ela me deu de presente uma toalha algo bonita.
 - c. ??Ele tem um comportamento algo mal-educado.
 - d. ??Atravessei um túnel algo estreito.
 - e. Esta universidade é uma instituição algo conservadora.
 - f. *Ela pegou uma toalha algo suja.
 - g. *O time contratou um jogador algo alto.

Observando os julgamentos acima e os exemplos que selecionamos para a nossa análise, percebemos que não é o tipo de escala que norteia o uso. Isso fica evidente quando comparamos *cheio* (escala fechada) e *alto* (escala aberta). O que nos pareceu mais plausível ao observar os adjetivos que mostraram alta aceitabilidade (*difícil*,

¹¹ O teste de aceitabilidade foi feito de maneira informal. O uso desse intensificador não é expressivo. Nota-se que os que costumam usá-lo são falantes mais cultos, e em geral o usam na escrita. Pelo fato de não ser um item de uso irrestrito, os julgamentos de aceitabilidade variam.

rebuscado, conservador etc.) é que o *algo-i* se combina com adjetivos de avaliação subjetiva. Assim, o grau vago se justifica porque esses adjetivos denotam propriedades para as quais não podemos estabelecer padrões objetivos.

Salientamos ainda mais uma propriedade do *algo-i*: em geral os intensificadores, como os advérbios de grau, podem desencadear alongamento da vogal e podem ser reiterados (38).

- (38) a. Ele é muiiiito exigente.
b. Ele é muito, muito exigente.

Não se observa isso no uso do *algo-i* (39).

- (39) a. *Ele é aaaalgo exigente.
b. *Ele é algo, algo exigente.

Tendo em vista essas propriedades, podemos dizer que o *algo-i* é um intensificador atípico. Provavelmente ele conserva algumas propriedades lexicais de indefinido e isso dá ao *algo-i* suas peculiaridades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho diferencia dois usos de *algo* no português brasileiro: o *algo-n*, pronome indefinido, com posição nuclear no sintagma nominal, que se caracteriza por fazer referência a coisas inanimadas. Seu uso aparece descrito em gramáticas tradicionais e gramáticas descritivas. Sintaticamente, se revela como pronome neutro, sem realizar concordância (permanece sempre no masculino). A par do pronome, temos o *algo* intensificador, identificado neste artigo como *algo-i*. Age sobre adjetivos graduais que veiculam propriedades subjetivas, relacionadas com o julgamento do falante. Remete a um grau vago, impreciso, na escala projetada pelo adjetivo. Não é um

intensificador típico porque se relaciona principalmente com adjetivos que envolvem escalas subjetivas e não apresentam todas as propriedades dos intensificadores que se combinam com adjetivos.

Como dissemos na introdução deste trabalho, nosso intuito seria mostrar que sempre estamos diante de questões algo(-i) inusitadas referente ao conhecimento linguístico. Basta desenvolver certa sensibilidade para a língua. Um item como o *algo-i* ainda carece de abordagens que aprofundem as propriedades que identificamos, ou que as revisem e proponham uma descrição mais acurada; que caracterizem formalmente a operação de intensificação que esse item realiza bem como suas propriedades sintáticas mais finas. Se nossas observações estiverem corretas, temos um intensificador com um uso muito restrito e isso, por si só, já levanta muitas questões que precisam ser respondidas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo. “Lembrar Nuremberg desbanaliza o mal.” In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 mai. 2021. p. A7.

BASSO, Renato Miguel. A semântica das relações anafóricas entre eventos. Tese (Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas) — Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2009.

_____. Phi-features and neuter pronouns: the case of *isso* in Brazilian Portuguese. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, vol. 6, n. 2, 2021, p. 43-52. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/35010>.

BORTOLOTTI, Laura. The Syntax of Relational Adjectives in Romance: a Cartographic Approach. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) — Università Ca' Foscari Venezia, Venezia, 2016.

BOSQUE, Ignacio; PICALLO, Carme. Post-nominal adjectives in Spanish DPs. IN *Journal of Linguistics*, v. 32, n. 2, 1996, p. 349-385.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOLTRAN, Maria José; NÓBREGA, Vítor Augusto. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. In *ALFA — Revista de Linguística*, v. 61, n. 2, 2016, p. 319-340.

_____. Por uma taxonomia dos modificadores do português brasileiro. In NETO, Aquiles Tescari; QUADROS GOMES, Ana Paula. (Org.). *A interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 153-178.

GUIMARÃES, Márcio Renato. Dos intensificadores como quantificadores: os âmbitos de expressão na quantificação no Português do Brasil. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale Structure, Degree Modification and the Semantics of Gradable Predicates. In *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, jun./2005.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. *Guia de Uso do Português: confrontando regras e usos*. São Paulo, Editora UNESP, 2003.

QUADROS GOMES, Ana Paula; SANCHEZ-MENDES, Luciana. Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. In *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 5-32, 2015.

RAPOSO, Eduardo B. P. “Pronomes”. In RAPOSO, Eduardo B. P. et alii. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SOUZA, Luisandro Mendes. Locuções graduadoras coloquiais. In *Letrônica*, v. 12, n. 2, 2019: e32138.